

LINGUASAGEM

A LINGUÍSTICA SINCRÔNICA DE SAUSSURE E O ENSINO DA LÍNGUA PORTUGUESA

Guilherme da Silva dos SANTOS¹

“A Linguística é um saber muito antigo e uma ciência muito jovem” (Mounin)

RESUMO

O Curso de Linguística Geral (CLG, 1916), obra póstuma de Ferdinand de Saussure, compilada por Charles Bally e Albert Sechehaye, outrora alunos do mestre Saussure, confere aos estudantes do curso de Letras uma leitura obrigatória. Por vezes, tal obra recebe a crítica de possuir uma leitura de difícil entendimento, pelos acadêmicos de Letras e futuros docentes. Sendo assim, o objetivo deste artigo é mostrar, a partir da dicotomia sincrônica de Saussure, a relação que tal dicotomia apresenta para com os estudos direcionados ao ensino da língua portuguesa em sala de aula.

ABSTRACT

The General Course of Linguistics (GCL, 1916), posthumous work of Ferdinand de Saussure, compiled by Charles Bally and Albert Sechehaye, formerly students of professor Saussure, gives students of the course of Languages and Literature a compulsory reading. Sometimes this work receives the criticism for being difficult for reading and understanding, by the academics of Languages and Literature and future teachers. Thus, the objective of this article is to show, from Saussure's synchronic dichotomy perspective, the relation that such dichotomy presents to the studies directed to teaching Portuguese language in the classroom.

INTRODUÇÃO

Abordar problematizações de estudos no âmbito dos estudos linguísticos sem fazer menção à sua gênese, se consolida como um fato academicamente (quase que) impossível. A definição de uma linguística analisada como uma ciência que estuda um objeto próprio passa a ser delimitada a partir dos estudos de Ferdinand de Saussure

¹ Mestre em Letras, área de concentração dos Estudos Linguísticos, pela Universidade Federal de Santa Maria (UFSM). Professor substituto do Instituto Federal Farroupilha – Câmpus São Vicente do Sul/RS. Mail: santos.sm@hotmail.com

(1916) e a publicação do Curso de Linguística Geral. Obra póstuma², originária da compilação das anotações de Charles Bally e Albert Sechehaye, outrora alunos do mestre Saussure. Bally e Sechehaye participaram de algumas aulas divididas em três cursos de Linguística Geral ministradas em Genebra pelo professor Ferdinand de Saussure. Foi dessa forma, como narra a história, que tais discípulos do mestre genebrino organizaram a publicação do Curso de Linguística Geral, em 1916. Um suporte tido como basilar para qualquer pesquisador dos estudos da Linguística, até a atualidade.

Dessa forma, Saussure, considerado “Pai da Linguística do século XX”, em meio a seus estudos a respeito da linguagem humana, delegou à Linguística uma preocupação singular: delimitar um objeto de estudo integral e concreto. Segundo Saussure, até certo ponto da história, a Linguística “jamais se preocupou em determinar a natureza do seu objeto de estudo. Sem essa operação elementar, uma ciência é incapaz de estabelecer um método para si própria” (CLG, p.10).

Porém, definir um objeto com características de cientificidade se constitui em um processo bastante complexo e, por isso, implica ultrapassar desafios para que se estabeleça uma ciência. Nessa ótica, antes de comentar a respeito do objeto integral e concreto de estudo da Linguística, Saussure (CLG 2002, p.15) evidencia que “outras ciências trabalham com objetos dados previamente e que podem considerar, em seguida, de vários pontos de vista”, porém, no campo da Linguística “nada de semelhante ocorre”. Desse modo, Saussure define à Língua o status de objeto de estudo científico da Linguística.

Ao definir seu objeto de estudo linguístico, Saussure acaba por delimitar uma gama de outras questões que se tornam básicas para configurar o caráter científico da língua. A partir dessas delimitações, surgem dicotomias que são discutidas ao longo do Curso de Linguística Geral, a saber: Língua X Fala; Sincronia X Diacronia; Significado X Significante; Relações associativas X Relações sintagmáticas. Todas essas questões dicotômicas de base saussuriana se inter-relacionam de forma coesa a fim de estabelecerem elucidacões ao encontro do seu objeto de estudo.

A partir desse exposto, é nítida a percepção das contribuições de Saussure para o estabelecimento de um norte nos estudos linguísticos que tangem a atualidade

² Como relata os registros históricos, Ferdinand de Saussure vem a falecer três anos antes da publicação do seu Curso de Linguística Geral - CLG. No entanto, nesse trabalho a referência dada à autoria da obra é para Saussure em citações necessárias retiradas do seu CLG.

acadêmica. Ao mesmo tempo, selecionar um desses conceitos dicotômicos para conduzir um estudo a respeito do mestre e seu postulado linguístico se constitui como tarefa dificultosa. A dificuldade está na perfeita conexão que tais conceitos estabelecem uns com os outros que tanto um quanto outro conceito se faz atrativo.

Por isso, entre as principais dicotomias elencadas, este trabalho tem por opção nortear a pesquisa a partir do conceito envolvendo a dicotomia sincronia (linguística estática) x diacronia (linguística evolutiva) como ponto chave da investigação teórica. Para isso, inicialmente, o compromisso dessa pesquisa é expor as abordagens da dicotomia elencada com base nos postulados apresentados no Curso de Linguística Geral – doravante CLG, juntamente com considerações apresentadas por autores que prestigiam o estudo dos fenômenos linguísticos e a justificativa da predileção de Saussure a uma delas. Após essas considerações, o propósito é relacionar a dicotomia elencada por Saussure, a Sincronia, aos estudos direcionados ao ensino da língua portuguesa em sala de aula.

Nessa ótica, almeja-se expor que o docente em exercício de sala de aula, na disciplina de língua portuguesa, estabelece uma ordem de estrutura de ensino da língua relacionada a um referente observado por Saussure a partir de seus estudos primeiros e sua preocupação para com a Linguística enquanto uma ciência que configura singular importância à linguagem enquanto fenômeno manifesto entre os homens para interagirem entre si.

A dicotomia saussuriana sincronia x diacronia e a opção pela linguística sincrônica

*“É ao linguista que tal distinção se impõe mais imperiosamente, pois a língua se constitui como um sistema de valores puros que nada determina fora do estado momentâneo de seus termos”
(Saussure)*

Saussure, no CLG, primeiramente tece considerações teóricas entre a dicotomia língua x fala³ para justificar a escolha dada à língua como objeto de estudo da ciência Linguística. Agora, essa mesma “Linguística se acha aqui ante sua segunda bifurcação

³ As dicotomias saussurianas são pares de conceitos que Saussure discorre em sua obra CLG para abordar um em relação a outro com a justificativa de que um estudo de dado conceito isolado não se faz compreensível. A primeira dicotomia saussuriana é entre língua x fala. Ao longo das diferenciações, Saussure atribui para a língua o mérito de ser estudada como parâmetro de cientificidade aos estudos linguísticos. Como o objetivo deste trabalho é relatar referente a dicotomia sincronia x diacronia, esta primeira dicotomia mantém participação apenas ilustrativa e não principal.

[...]; agora, estamos na encruzilhada dos caminhos que conduzem, um à diacronia e outro à sincronia” (CLG, 2002, p. 114).

Saussure advoga que para a Linguística, enquanto uma ciência, o fator tempo se apresenta como um empecilho divergente para o estudo da língua enquanto um sistema, uma vez que produz efeitos particulares. Porém, é inevitável a admissão de sua existência. Na leitura saussuriana, o fator tempo está sinonimicamente utilizado para fazer referência à diacronia. Nesse sentido, deve-se estabelecer, de maneiras claras, o porquê que tal fator se constitui como obstáculo e qual alternativa adotar para o estudo da língua nos fatos linguísticos.

De acordo com a noção saussuriana, é do aspecto diacrônico tudo que diz respeito às evoluções da língua e da ordem da sincronia tudo que está relacionado com o aspecto estático da língua. Para Saussure, sincronia está para “um estado de língua”, enquanto que diacronia está “para uma fase de evolução” (CLG, 2002, p. 96). Perante tal elucidação, o mestre genebrino acata por priorizar seus estudos no eixo da sincronia.

De acordo com Sortica (2011) encontra-se tal preferência no CLG por uma análise sincrônica dos fatos de fala pela justificativa de que todo falante, em dado estado de uso da língua, mantém uma comunicação ativa sem considerar sua evolução ou suas variações em dada situação de tempo. Na voz de Schneiders (2009), Saussure opta pela sincronia como caracterização de uma ciência Linguística por considerar que para se compreender o verdadeiro estado da língua, deve-se ignorar o seu passado. Em uma exemplificação, ao manter uma interação com um outro falante, ao ser pronunciado o signo “você” como um instrumento sonoro entre as interações de cortesia, nenhum dos envolvidos, nesse fato da linguagem, mantém a preocupação de explicar, ou saber, a respeito de todo o percurso evolutivo que esse signo obteve ao longo da história da comunicação.

É por esse motivo que Saussure prioriza a Linguística sincrônica à diacrônica. Em um fato linguístico, qualquer, sempre haverá um fato de evolução que sempre será precedido de um outro fato,

“ou melhor, de uma multidão de fatos similares na esfera da fala [...] pois, na história de toda invocação encontram-se sempre dois momentos distintos: 1.º aquele em que ela surge entre os indivíduos; 2.º aquele em que se tornou um fato de língua, exteriormente idêntico, mas adotado pela comunidade” (CLG, 2002, p.115).

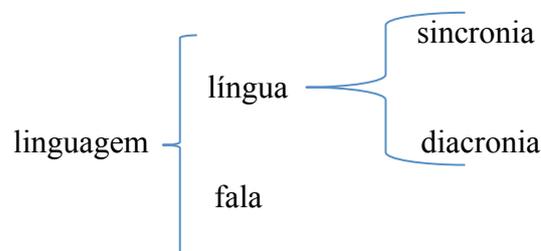
Assim, analisar a Linguística como uma ciência que estuda a língua em um estado diacrônico se torna ineficaz, uma vez que o que está em uso em um fato de

linguagem está em uso pela sua aceitação coletiva. Dessa forma, explicar sua origem em um contexto se faz desnecessário e improdutivo.

A respeito dessa preponderância da sincronia perante a diacronia, se faz mister esclarecer que Saussure não advoga pela invalidade desta perante a existência daquela. A Linguística sincrônica “é geral, mas não é imperativa” (CLG, 2002, p.108). Sortica (2011) sublinha que essa preferência pela sincronia é vista como a exclusão da diacronia por parte de leitores desatentos. Saussure, o próprio, deixa evidente que “os fatos sincrônicos, quaisquer que sejam, apresentam uma certa regularidade, mas não têm nenhum caráter imperativo” (CLG, 2002, p.111), pois, em uma errônea observação

a verdade sincrônica parece ser a negação da verdade diacrônica e, vendo as coisas superficialmente, parecerá a alguém que cumpre escolher entre as duas; de fato, não é necessário; uma das verdades não exclui a outra” (CLG, 2002, p.112).

Em suma, o postulado saussuriano expõe uma lei sincrônica nos estudos da Linguística da língua, porém, esse vocábulo “lei” é apenas “no sentido de ordem, de princípio de regularidade” (CLG, 2002, p.109). Com vistas a elucidar tal fato a ponto de não deixar conclusões equivocadas, Saussure (CLG, 2002, p.115) apresenta, em forma de um esquema, a forma que os estudos linguísticos devem assumir:



De modos a exemplificar: Saussure adverte que a linguagem (meio pelo qual os homens interagem em uma determinada sociedade) é a combinação de língua + fala. Nesses fatos, a linguagem, por ser “um cavaleiro de diferentes domínios” (CLG, 2002, p.17), delimita a Linguística ao estudo da língua, pois, ela “é, ao mesmo tempo, um produto social da faculdade de linguagem e um conjunto de convenções necessárias, adotadas pelo corpo social para permitir o exercício dessa faculdade nos indivíduos” (ibid. p.17) em oposição à fala, uma vez que essa caracteriza-se “sempre individual” (ibid. p. 21). Assim, a fala se apresenta como um objeto de análise não interessante para os estudos linguísticos. Nesse liame, a língua, objeto concreto e, portanto, de caráter

científico, “conhece apenas sua ordem própria” (ibid. p.31) cuja denominação é dada por Saussure como Linguística sincrônica. Porém, a outra Linguística, a diacrônica, não deve ser excluída. Saussure advoga pela sincronia, porém, “as duas partes da linguística, assim delimitada, vão-se tornar sucessivamente o objeto do nosso estudo” (ibid. p.116).

A linguística sincrônica e a perspectiva do falante: o ensino da língua portuguesa

“Sem conhecer a força das palavras, é impossível conhecer os homens” (Confúcio)

Abordar questões de pesquisas que abarquem problematizações envolvendo a formação do professor de línguas (sejam elas estrangeiras ou materna) se constitui em um processo contínuo na carreira de um docente, pois, é um espaço que tomou particular impulso, não unicamente

pelas demandas impostas pela nova ordem mundial, em relação ao papel das línguas em um mundo globalizado, mas também, talvez, pelo crescente interesse em estudos da linguagem pela ótica da Linguística Aplicada (CELANI, 2008, p.9).

Contudo, “o que é estudar linguística mesmo?” (SORTICA, 2011, p.13) Flores (2009) expõe que explicar tal indagação não é de todo fácil, independente do público-alvo ser um leigo dos estudos linguísticos ou um próprio estudante de Letras, visto o registro que professores de curso de Letras marcam a respeito do alto índice de reprovação na disciplina. Flores (2009, p.02) opina que “é difícil explicar, seja para quem for, o que faz um linguista”.

Professoras de linguística, Mussalin e Bentes (2004, p.15), explicam que um curso de introdução aos estudos linguísticos objetiva

preparar o terreno conceitual para contatos posteriores com materiais que analisem o fenômeno da linguagem com maior grau de detalhe e aprofundamento, além de tornar acessível para leitores iniciantes ou não-especializados em linguística, as relevantes abordagens sobre o fenômeno da linguagem.

Logo, as professoras esclarecem, mesmo que de maneira não absoluta, a indagação que hora se apresenta: pode-se permitir arguir que a linguística estuda os contatos da linguagem humana em diferentes esferas do âmbito social.

No Brasil a linguística é datada nos anos 50 do século XX como marco de suas primeiras reflexões. De maneira totalmente nova, a linguística é introduzida

pedagogicamente no cenário brasileiro como uma ciência que vislumbrava a democratização do ensino, até então, elitizado (ILARI, 2009). Com base nessas informações, a epígrafe que abre este trabalho, “a linguística é um saber muito antigo e uma ciência muito jovem” de autoria de Mounin, se apresenta como verdade inegável. Desde que o homem inicia seus estudos a respeito da linguagem que o cerca, ele está fazendo linguística. A linguística, como uma disciplina com especificidade de cientificismo, é uma doutrina nova pois, é instaurada a partir dos estudos de Saussure e se consolida com a publicação póstuma de seu CLG: a partir de então, a linguística (ainda em vocábulo minúsculo) passa a ser Linguística (com representação maiúscula, indicativa de cientificismo)⁴.

Ordenado para a análise-objeto desse trabalho, a questão da Linguística saussuriana, relacionada ao ensino da língua portuguesa, leva a percepção de que o docente em exercício de seus ensinamentos pedagógicos em sala de aula, consolida sua posição de educador (de língua portuguesa) pautado pela Linguística sincrônica de Saussure. Por que?

Saussure, em seu CLG (p. 156), define que:

a Gramática estuda a língua como um sistema de meios de expressão; quem diz gramatical diz sincrônico e significativo, e como nenhum sistema está a cavaleiro de várias épocas ao mesmo tempo, não existe, para nós, ‘Gramática histórica’; aquilo a que se dá tal nome não é, na realidade, mais que a linguística diacrônica.

Desse modo, o professor de língua portuguesa, em serviço em sala de aula, ao explicar determinado conteúdo para seu público discente está se utilizando da Linguística sincrônica já enumerada por Saussure. Lembrando que:

a Linguística sincrônica se ocupará das relações lógicas e psicológicas que unem os termos coexistentes e que formam sistemas, tais como são percebidos pela consciência coletiva. A Linguística diacrônica estudará, ao contrário, as relações que unem termos sucessivos não percebidos por uma mesma consciência coletiva e que substituem uns aos outros sem formar sistemas entre si (CLG, 2012, p.116).

Assim, ao seguir uma estrutura de ensino gramatical (a qual podemos exemplificar a partir do livro didático e suas sequências organizacionais de ortografia; conjugação de verbos em modos e tempos; formação de palavras, etc.), o professor está atuando de acordo com a sincronia linguística, pois, sincronia é o estudo do

⁴ Essa nota é de responsabilidade do autor do trabalho, visto que usa a palavra “Linguística” para identificar àquela indicada por Saussure no CLG e “linguística” para citá-la em outros meios de publicação.

funcionamento da língua em sua descrição. Vejamos: dado o enunciado “*É bárbaro ver a romaria na colheita dos grãos!*”⁵

Normalmente, tal enunciado ocupa o espaço pedagógico para abordar a explicação de determinados conceitos: substantivos e suas classificações; adjetivos; formação de plural e mudança de gênero; etc. Caso um docente pautasse por explicar que a palavra *grãos* é o plural da palavra *grão* e que, para formar tal plural, adiciona-se o “s” no final da palavra; isso é uma explicação de ordem sincrônica. De nada faz necessário uma elucidação de ordem diacrônica. “A Linguística diacrônica estuda, não mais as relações entre os termos coexistentes de um estado de língua, mas entre termos sucessivos que se substituem uns aos outros no tempo”. (CLG, 2012, p. 163)

Por outro lado, caso esse mesmo docente se pautasse por argumentar que a palavra *bárbaro*, por exemplo, ao longo do tempo teve sua característica radical modificada em relação ao espaço social que a mesma se configura, trazendo as claras desde a história da Grécia Antiga, a qual o vocábulo tem como berço, até tempos atuais, isto seria uma explicação diacrônica. Do mesmo modo, se o professor, na sequência, abordasse a historicidade do termo *romaria*, o qual significava originalmente “peregrinação a Roma para ver o Papa” e que, na atualidade, é usada para “peregrinação em geral”, também se configuraria como uma explicação de ordem da linguística diacrônica.

É interessante realçar que o ensino da língua portuguesa nas escolas é pautado pelos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN’s), publicados em 1998. De acordo com os PCN’s (p.52), na prática de análise linguística, espera-se que o professor auxilie o aluno para que “constitua um conjunto de conhecimentos sobre o funcionamento da linguagem e sobre o sistema linguístico [...]”. Ou seja: tais documentos exigem que o professor fomente o conhecimento sobre o funcionamento do sistema, e não de sua historicidade.

A parte histórica, por assim dizer, ou diacrônica, não necessita ficar excluída de seu saber. Saussure cita que “a cada instante, a linguagem implica ao mesmo tempo um sistema estabelecido e uma evolução: a cada instante, ela é uma instituição atual e um produto do passado”. (CLG, 2012, p.16). Assim, a língua pode ser de natureza sincrônica e diacrônica.

Na contribuição de Carvalho⁶ (2003, p.88):

⁵ Frase figurativa de criação própria do autor.

⁶ Grifos no original.

Há determinados casos, por exemplo, em que a *descrição* sincrônica pode perfeitamente ser conjugada com a *explicação* diacrônica, enriquecendo-se, desse modo, a análise feita pelo lingüista. Por exemplo, podemos descrever o verbo *pôr* como pertencente à segunda conjugação, apelando para as formas sincrônicas atuais *pões, põe, puseste*, etc., além dos adjetivos *poente* e *poedeira*, nos quais o *-e-* medial aí existente (ou remanescente) funciona estruturalmente como vogal temática. Ao mesmo tempo, podemos enriquecer a descrição sincrônica, complementando-a com a explicação diacrônica: o atual verbo *pôr* já foi representado pelo infinitivo arcaico *poer*, que, por sua vez, se vincula ao latim vulgar *ponere*, com a seguinte cadeia evolutiva: *ponĕre > ponēre > poner > põer > poer > pôr*.

Em uma entrevista concedida para a **Revista Virtual de Estudos da Linguagem – ReVEL**, o professor linguista Luiz Carlos Travaglia (2004) foi questionado sobre quais seriam as principais contribuições que a Linguística moderna trouxe para o professor de língua materna. Em resposta, Travaglia apontou:

São tantas que fica impossível enumerar. Todavia podemos dizer de maneira genérica que a grande contribuição da Linguística moderna para o professor foi trazer um conhecimento mais estruturado, científico e profundo sobre como a língua é constituída e sobre como ela funciona enquanto instrumento de comunicação com uma dimensão social e histórica que é mesmo constitutiva da língua. O professor que domina esse conhecimento tem melhores condições de decidir o que é pertinente trabalhar com os seus alunos e como estruturar as atividades que os ajudem a atingir um maior domínio da língua e a ter uma maior e melhor competência comunicativa. É preciso, entretanto, ter a humildade de reconhecer que o muito que sabemos hoje em relação ao que se sabia no início do século XX é ainda pouco.

Por fim, nota-se que, em tal resposta, o linguista advoga a favor de uma Linguística linear (sincrônica), a qual mantém uma estrutura com afinidades para com o seu objeto de estudo: a língua. Essa, em momento algum elimina o seu fator histórico (diacrônico). No entanto, esse fator referente a historicidade da língua se mostra como instrumento apêndice para advogar sobre a língua. Dessa forma, o professor de língua portuguesa, ao manter sua posição de educador sincrônico (e, por vez, diacrônico) combina estruturas de atividades para as quais funcionem como suporte para a obtenção do domínio da língua portuguesa e que sejam sábios para o seu uso em seus vários momentos de uso comunicativo.

Conclusão

A partir do breve esboço realizado sobre as dicotomias sincronia e diacronia saussuriana, pode-se perceber que uma não anula a outra em um contexto de uso linguístico. O que se evidencia é que uma delas se sobressai perante a outra. Nesse caso, a dicotomia sincrônica recebe especial apreciação por estar enfatizando uma noção de relações lógicas e psicológicas existentes no sistema da língua, enquanto a diacronia estabelece uma relação histórica e evolutiva. Desse modo, é notório que tais dicotomias estabelecem categorias diferenciadas em relação a noção de tempo e língua. Abordando tais conceitos dicotômicos de Saussure à luz das discussões a respeito do professor – de Letras - e sua formação enquanto um Linguista, percebe-se que em exercício de sala de aula suas ações pedagógicas estão totalmente voltadas a ações de cunho sincrônicos, pois, as aulas de língua portuguesa partem de um objetivo geral (formação de plurais ou a conjugação de determinado verbo, por exemplo) estabelecido como radical e não de objetivos específicos, de ordem histórica, para depois situar o aluno no dado geral. Dessa forma, assim como Saussure apresentou que a língua deveria ser estudada através de um olhar sincrônico, seus discípulos atuais – os professores de língua portuguesa – operam de acordo com as palavras do “Pai da Linguística”.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BRASIL. Secretária da Educação Básica. **Parâmetros Curriculares Nacionais – Língua Portuguesa – 3º e 4º ciclos**. Brasília: Ministério da Educação, 1998.

CARVALHO, Castelar de. **Para compreender Saussure**. 12ª ed. Petrópolis: Vozes, 2003.

CELANI, M.A.A. Prefácio. In: GIL, G.; VIEIRA-ABRAHÃO, M.H. **Educação de professores de línguas: os desafios do formador**. Campinas, SP: Pontes Editores, 2008.

FLORES, V.N. O linguista e a linguística no CLG. **Nonada: Letras em Revista**, n.º 1, v.12, pp 28-41, 2009. Disponível em <http://seer.uniritter.edu.br/index.php/nonada/article/viewFile/83/72>. Acesso em 05/06/2014

SORTICA, M.M. **Ensinar Saussure hoje: da heterogeneidade do corpus ao ensino de linguística**. Porto Alegre, 2011. Disponível em

<http://www.lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/31934/000785212.pdf?...1>. Acesso em 05/05/ 2014.

ILARI, R. **Lingüística e ensino da língua portuguesa como língua materna**. Disponível em http://www.museudalinguaportuguesa.org.br/files/mlp/texto_3.pdf. Acesso em 05/06/2014

MUSSALIN, F.; BENTES, A.C. Introdução. in: _____ (orgs) **Introdução à Lingüística: domínios e fronteiras**. Volume 1. 4.^a edição. São Paulo: Cortez, 2004.

SAUSSURE, Ferdinand de. **Curso de lingüística geral**. São Paulo, Cultrix, 2006.

SCHNEIDERS, C.M. Sincronia e diacronia: por uma representação nos estudos sobre a linguagem no/ do brasil nos anos 50. **Raído**, Dourados, MS, v. 3, n. 6, p. 61-72, jul./dez. 2009. Disponível em <http://www.periodicos.ufgd.edu.br/index.php/Raído/article/viewFile/346/398>. Acesso em 28/05/2014

TRAVAGLIA, Luiz Carlos. Linguística Aplicada ao Ensino de Língua Materna: uma entrevista com Luiz Carlos Travaglia. **ReVEL**. Vol. 2, n. 2, 2004. ISSN 1678-8931 [www.revel.inf.br].

Como referenciar este artigo:

SANTOS, Guilherme da Silva dos. A linguística sincrônica de Saussure e o ensino da língua portuguesa. **revista Linguasagem**, São Carlos, v.30, n.1, p. 73-83, jan./jun. 2019. ISSN: 1983-6988.

Submetido em: 10/04/2016.

Aprovado em: 19/04/2019.